

BOI-TATÁ
(José Barros Vasconcellos)

Boi-tatá saiu ao campo,
Sem rumo, à toa, zazando,
Foi brincar de pirilampo
E saiu esvoaçando.

Noite escura, céu nublado,
Sopra rijo, o vento norte
E boi-tatá alvoroçado
Anda a procura de sorte.

Ora assustando criança,
Ora seguindo viajante,
Boi-tatá nunca se cansa
Nessa procura constante.

Fosforecendo de noite
E misterioso de dia,
Boi-tatá finge de açoite
Na dança da fantasia.

Boi-tatá parou na estrada,
Escondeu-se no sem fim,
Fez ronda na madrugada
E o dia findou assim:

Triste, ensombreado, brumoso,
Sem esperança de sol,
E boi-tatá luminoso
Surgiu em novo arrebol.

Sem cor, sem forma, sem jeito,
Será mistério, será?
Duende ou fantasma perfeito
Que infunde tanto respeito
Mas que é sempre boi-tatá